

## CAPÍTULO 1:

# A CARACTERIZAÇÃO DO PRESSUPOSTO BÁSICO DA ECLESIOLOGIA DE COMUNHÃO EM YVES CONGAR

### I.1.

#### Introdução

O pensar teológico, durante alguns séculos de história, trabalhou a Cristologia como conteúdo independente e até mesmo isolado da ação do Espírito. Tãmanha foi a supremacia dessa postura dentro da teologia, que se acabou por criar um cristomonismo<sup>2</sup> exacerbado, tendo como conseqüência um desaparecimento da Pneumatologia dentro das esferas teológicas e, conseqüentemente, tornando-a a grande esquecida da fé crente. O tratado da Cristologia é a explicitação de tudo aquilo que está encerrado na confissão de fé: Jesus (de Nazaré) é o Cristo, ou seja, o Ungido, o Enviado último de Deus à humanidade. Essa profissão de fé não pode se esquivar do prenúncio pneumatológico, ou seja, a ação de Deus em Jesus é absolutamente marcada por uma existência pneumática. A ação do Espírito em Jesus e o dom que ele faz do Espírito não são eventos divisíveis do ponto de vista temporal. O *kairós* de Cristo é também *Kairós* do Espírito<sup>3</sup>. É imprescindível que a Cristologia seja entendida em sua articulação fundamental com a Pneumatologia e vice-versa, acredita Congar.

---

2 Termo relativamente recente dentro das esferas teológicas, é utilizado, sobretudo, para significar o primado e a unicidade da mediação de Jesus Cristo. E mais, relaciona a realidade da Igreja unilateralmente a Jesus Cristo como seu fundador e princípio de vida, não valorizando suficientemente a missão e função originais do Espírito Santo para sua animação carismática. Conseqüência eclesiológica: uma concepção de Igreja ligada fundamentalmente só a Cristo, sendo que ao Espírito Santo não é reconhecida nenhuma função constitutiva.

3 No pensamento Congariano, *Kairós* tem sua originalidade na declaração de que a situação temporal da história já se cumpriu em razão da encarnação de Deus, o Filho, no tempo e no espaço do homem sob égide renovadora do Espírito Santo.

Imbuído dessa intuição, Congar propõe uma relação dialético-teológica fundamental entre Pneumatologia e Cristologia. Pesquisada a origem dessa relação no mistério intratrinitário, resguardando a cidadania do Verbo e do Espírito, ambas advindas do Pai, nosso autor extrairá a base de seu axioma fundamental: *Toda Cristologia é Pneumatologia e toda Pneumatologia é Cristologia*. Esse axioma servirá de fundamentação e pilar à sua Eclesiologia de Comunhão.

Refletiremos agora as etapas pelas quais nosso teólogo seguiu para definir seu axioma fundamental.

## **I.2.**

### **A Cristologia Pneumatológica**

O Cristo está penetrado pelo Espírito e vice-versa. Na unidade de Deus-Pai, Filho e Espírito, a relação pericorética<sup>4</sup> assegura a essencialidade da profissão de fé trinitária: nosso Deus é um Deus relação, um Deus Tri-uno, unidade na diversidade das pessoas santas. Os enunciados primordiais de Congar bebem dessa verdade para aprofundar a Cristologia e a Pneumatologia. Uma Cristologia só é plena se não houver divisão da ação do Espírito da obra mesma de Cristo. Também a Pneumatologia não pode ser refletida sem a base cristológica. Na existência histórica de Jesus, o Verbo e o Espírito se encontram indelevelmente unidos. O Espírito é o Espírito de Cristo. Cristo e Espírito formam a união hipostática de Deus com a raça humana.

---

4 Relacionalidade típica do Deus trinitário como amor que se comunica e ajuda a entrever no Deus-comunhão o ícone da comunidade dos homens chamados a fazer da experiência humana familiar, social, pessoal, um reflexo da circulação pericorética do amor do Deus de Jesus Cristo. Com a categoria de pericorese, a teologia trinitária obteve um ganho notável historicamente: o de aproximação da concepção ocidental à concepção oriental de Deus, vista sobretudo no sinal da *oikonomia* e da dinâmica do amor tripessoal eterno que se funde e se comunica.

### I. 2.1.

#### A Experiência de Revelação e Filiação

A relação intrínseca entre Cristologia e Pneumatologia advém da própria experiência de Revelação, atestada pelos relatos bíblicos, passando pela tradição e chegando até nossos dias. Essa realidade revelatória “*constitui o objeto de nossa fé e de nossa esperança à qual fomos chamados*”<sup>5</sup>. O itinerário congariano é percebido de forma decisiva pela revelação de Deus em Jesus: “*ninguém subiu ao céu senão aquele que desceu do céu, o Filho do Homem*” (Jo 3, 13). A experiência do Deus cristão se especifica mediante a revelação de Jesus Cristo. Não há acesso a Deus a não ser no Filho, que, gozando da eternidade junto ao Pai, se fez carne e tornou-se um de nós. Daí se conclui que conhecer a pessoa de Jesus Cristo é essencial para o conhecimento de Deus (cf. Jo 17, 3). Jesus Cristo como revelador do Pai aparece como a verdadeira chave hermenêutica da sua vida.

Congar tem nesse fato o ponto de partida de toda a sua fundamentação básica. A Revelação histórica de Jesus é a condição primordial para compreensão e desenvolvimento do dogma trinitário. E mais: um dos acessos a essa revelação dá-se nos textos bíblicos, nos quais podemos testemunhar as características da relação trinitária na qual professamos a fé. Mas adverte nosso teólogo: a fé necessita apoiar-se na história, porém os Evangelhos não são propriamente um testemunho histórico, mas testemunho de fé. Esses textos que sabemos não serem, em grande parte, fatos históricos, mas que, apesar de tudo isso, cremos terem sido inspirados pelo Espírito, suscitam a afirmação de fé.

O magistério da Igreja confirma essa verdade:

*As coisas divinamente reveladas, que se encerram por escrito e se manifestam na Sagrada Escritura, formas consignadas sob inspiração do Espírito Santo (...) Portanto, já que tudo o que os autores inspirados ou os hagiógrafos afirmam deve ser tido como afirmado pelo Espírito Santo, deve-se professar que os livros da Escritura ensinam com certeza, fielmente e sem erro a verdade que Deus em vista de nossa salvação quis fosse consignada nas Sagradas Escrituras*<sup>6</sup>.

---

5 CONGAR, Yves M. - J. **Introdução ao mistério da Igreja**. Tradução de Petrus Gerardus Hollanders. São Paulo: Herder, 1996. p.12.

6 DV nº 11

Percorrendo os relatos bíblicos, nos deparamos com experiências extraordinárias da ação mesma de Deus, de seu desejo de querer se revelar. De fazer-se Trindade em nós. Assegurando o foco de nossa pesquisa, nos textos veterotestamentários, observamos uma preparação (implícita) da experiência trinitária. Os autores bíblicos preparam os atributos de Deus – *criador e redentor* – na perspectiva da revelação histórica que, posteriormente, serão cridos e sistematizados na compreensão da Trindade.

Utilizando a nomenclatura do teólogo J. B. Libanio, podemos pensar a revelação bíblico-histórica de Deus se desvelando como uma automanifestação de Deus mesmo e de seu plano salvífico, em três grandes momentos<sup>7</sup>: fase da Promessa, fase da Realização em Jesus Cristo e fase da Consumação. Dentro da atmosfera do pensamento de Congar, podemos utilizar tal nomenclatura para ratificar o valor dado pelo nosso teólogo à experiência histórica da revelação.

1. *Fase da Promessa*: exemplificamos com os relatos proféticos, onde a imagem da revelação dá-se através das *Palavras de Promessa*, que inspiram e despertam no povo a esperança diante do mistério divino (cf. Is 42, 1-8; 49, 3-9; 50, 4-9; 52, 13; 53, 12). A centralidade da Aliança no Sinai é ao mesmo tempo *herança e promessa* de Deus a seu povo, que por sua vez lê a partir daí os acontecimentos anteriores (criação – Noé – Abraão) e projeta o que viverá posteriormente (juízes – realeza – profetismo – experiência sapiencial – apocalíptica). Israel vê nessa experiência uma faceta de Deus e de seu plano salvífico, ultrapassando uma visão religiosa cultural (1Rs 6, 8, 10-13; 9, 1-3, 7; Esd 5,2) e projetando-se para uma experiência religiosa que valoriza a vida e a história mesma do povo.
  
2. *Fase da Realização de Jesus Cristo*: nessa fase, Jesus torna-se a voz profética de Deus no meio de uma sociedade marcada por uma política e por uma religião da “Lei pela Lei”, ressecada e distante da

---

<sup>7</sup> LIBANIO, João Batista. **Teologia da Revelação a partir da modernidade**. 4 ed. São Paulo: Loyola, 2000. p. 317.

experiência mesma de Deus. A palavra de Jesus desvela o querer libertador de Deus à humanidade na medida em que denuncia essa sociedade que assegura o primado da Lei em detrimento do primado da pessoa humana. Por isso, Jesus torna-se uma Palavra de Promessa, de esperança e de intimidade com Deus. Ele é a plenitude da revelação histórica e definitiva de Deus (cf. Hb 13, 8; 1,2). Jesus confirma e plenifica a fase anterior, ao mesmo tempo em que inaugura um modo novo de o homem pensar e viver Deus na vida (cf. Mc 1, 14s). Ele é o perfeito e escatológico revelador de Deus (cf. Mt 11, 25-27; Jo 17).

3. *Fase da Consumação*: o Verbo encarnado é a revelação plena do amor gratuito e fiel do Pai à humanidade. A consumação dá-se na glória visível do Filho que manifesta a invisibilidade do Pai, conforme atesta o evangelista João: “*Quem me viu, viu o Pai*” (14, 9).

Todo esse itinerário da revelação história de Deus não só aponta para um estudo histórico e cultural, mas, sobretudo, para uma legítima maneira de se compreender o movimento de Deus em revelar a si mesmo e o seu plano salvífico. Nosso teólogo afirma que esse processo se dará na homogeneidade de finalidade e conteúdo entre a obra de Cristo e a obra do Espírito<sup>8</sup>.

Outra categoria teológica central que para Congar é um elemento imprescindível para a articulação de toda Cristologia é a *filiação*. Essa relação-experiência viva, dinâmica e totalizante é captada, segundo nosso autor, por certos elementos *implícitos*: as atitudes e comportamentos de Jesus (Ex.: quando Jesus perdoa ou cura, ele não fala de Deus, mas implicitamente revela algo de sua autoridade, de sua relação com Deus); e elementos *explícitos*: oração, obediência e fé. Como Jesus viveu essa relação de filiação dá-nos a medida, do ponto de vista humano, da densidade dessa experiência na história: “*Jesus se dirige ao Pai com gritos e lágrimas*”.

---

<sup>8</sup> Cf. Introdução ao Mistério da Igreja, p. 3.

Essa experiência orienta-nos sobre a identidade de Jesus (*Quem é Jesus?*) e como ele entendia o Pai. Jesus como homem, só se pode entender sua existência humana na medida em que se refere a Deus, a quem chama de Pai. Ele vive totalmente de Deus e para Deus. Na própria consciência de Jesus emerge a certeza de que ele nem começa e nem termina em si mesmo. Sua identidade é totalmente relativa: Pai – Filho. Estar sempre fora de si, voltado para o Pai, constitui o pressuposto de tudo o que Jesus faz. Tudo lhe é dado pelo Pai: Deus é alteridade total, que não se confunde com ele – é o Pai. Aí aparece a unidade de tudo o que ele realiza: uniciedade de seu ser de, em e para Deus (Jo 10, 30: “*O pai e eu somos um*”).

A radicalidade dessa relação filial em Jesus é tamanha que extrapola a sua própria experiência. Jesus vai introduzindo os discípulos nessa experiência. Ele não diz “*Pai nosso*”, mas “*Pai*” (Cf. Jo 20, 17: “*o meu Pai e o vosso Pai*”, “*o meu Deus e o vosso Deus*”; Jo 10, 29s.37s; Jo 5, 19.30).

As duas realidades explicitadas anteriormente, *revelação e filiação*, atestam a necessidade de uma correta articulação da Cristologia com a Pneumatologia. O Espírito é o grande articulador desse movimento. Nessa experiência fundante, nosso autor suscita a pergunta introdutória sobre o acesso ao conhecimento da Pneumatologia cristológica: “*O Espírito está sem rosto, quase sem nome próprio. É o vento que não se vê, mas que faz mexer as coisas. Por seus efeitos ele se dá a conhecer*”<sup>9</sup>.

### I. 3.

#### **A Pneumatologia Cristológica**

Nas Cristologias contemporâneas, uma atenção especial à intervenção do Espírito no mistério de Cristo tem norteado o estudo de muitos teólogos. Congar

---

<sup>9</sup> Cf. *ES III*, p. 193.

defende a necessidade de uma reflexão cristológica imbuída da Pneumatologia, fazendo juz às missões do Verbo e do Espírito na vida concreta de Cristo.

### I. 3.1.

#### O Espírito Santo e a experiência da Revelação

Anterior a fé em estado de saber, está à experiência revelatória do Espírito de Deus. Na tradição teológica o Espírito sempre se colocou como uma presença-real indagadora e dinamizadora da própria obra de Deus. Na escritura e na Tradição da Igreja, recorda Congar, esse Espírito é lembrado na presença variada de símbolos e imagens<sup>10</sup>. Tais como: sopro, ar, vento. Dos relatos neotestamentários subtraem a experiência da “*ruah*” divina<sup>11</sup>, que se revela como uma força vitalizadora do homem e do mundo, que na história realiza o desígnio de Deus.

Essa experiência bíblica estritamente existencial, Congar contrasta-a com o conceito grego afirmando:

*Se o mundo da cultura grega pensa em categorias de substância, o judeu pensa em força, energia, princípio de ação. O espírito-sopro é aquele que age e faz agir e, se tratando do Sopro de Deus, anima e faz agir para realizar o Desígnio de Deus. É sempre uma energia de vida<sup>12</sup>.*

Sob a ótica do Novo Testamento, nosso teólogo explora o simbolismo do Espírito-Água do Evangelho joanino (cf. Jo 4, 10.13-14; 6, 35; 7, 37-39; Is 44, 3-4) que, na lógica deste, aplaca nos homens a sede de vida eterna<sup>13</sup>. Outras metáforas que retratam a presença dinâmica e vitalizadora do Espírito são as de *fogo e línguas luminosas* (cf. Is 66, 15; 6, 6-7; At 2, 3), da *Unção do Crisma* (cf.

---

10 Cf. *ES III*, p. 26-27.

11 No Antigo Testamento a palavra hebraica *Ruah*, empregada 378 vezes, tem várias acepções: acepção etimológica: movimento de ar surpreendente e forte (movimento do vento, da respiração); acepção básica: vento, respiração; desdobramento antropológico: força vital, ânimo ou mente, vontade; e, finalmente, uma acepção teológica: força espiritual divina; força profética; Espírito de Deus. No Novo Testamento, os sinóticos testificam Jesus como portador do Espírito; já João e Paulo ampliam o conceito pneumatológico.

12 Cf. *ES I*, p. 20-21.

13 Cf. *ES I*, p. 75-81.

Is 61, 1; Lc 4, 18; At 10, 38), da *Pomba* (cf. Mt 3, 16) e do *Dedo de Deus* (Lc 11, 20; Mt 12, 28).

Congar questiona o porquê de a Revelação Divina do Santo Espírito acontecer, preferencialmente, através de símbolos e imagens, analogias e metáforas? E é a partir dessa indagação que nosso autor dá início à sua sistematização a respeito da Pneumatologia cristológica.

Recorrendo a São Tomás, nosso autor esclarece que tais imagens são necessárias para não esgotar o mistério inefável de Deus. Essas imagens, por mais estranhas que sejam, são, talvez, as mais indicadas por evitarem a ilusão de que um enunciado racional seja adequado para captar e abarcar o mistério infinito. Daí a indicação da mediação simbólica como espaço da apreensão do transcendente<sup>14</sup>. A metáfora intenciona o significado relacional da ação do Espírito de Deus. A experiência revelatória do Espírito diz respeito, sobretudo, àquilo que Deus é para nós, com vistas à nossa salvação em Jesus Cristo, nosso Senhor. Não se pretende com isso dissecar a realidade íntima do ser de Deus, conclui Congar<sup>15</sup>.

As dificuldades de sistematização em torno do Espírito Santo já vêm de longa data. Parte dessa dificuldade dá-se, sobretudo, pela manifestação do Espírito destituído de um rosto pessoal mais explícito<sup>16</sup>; gerando uma incorreta aceção de que sua ação está dissimulada ou até dissolvida na ação do Pai e do Filho.

Em termos teológicos, essa dificuldade tende a se acentuar. Na dinâmica da Trindade, as características próprias de cada uma das pessoas divinas (*noção*) são atestadas com uma apropriação clara e acessível da relação Pai - Filho. “Paternidade” e “filiação” são absolutamente compreendidas na esfera humana em sua explicitação: a partir de tais características, compreende-se o conceito de pessoa, ou melhor, a partir de suas diferenças, visualiza-se, em si mesmas, um ser pessoal (Pai e Filho). Já na experiência do Espírito, tal assimilação não é tão clara

---

14 Cf. *PE*, p. 15.

15 Cf. *PE*, p. 15. Sobre esse questionamento, afirma São Bernardo: “Sei bem o que Deus é para mim; quanto ao que Ele é para si, somente Ele o sabe” (De Consideratione V, 11.24).

16 Embora o Espírito Santo seja reconhecido pelo Novo Testamento como sujeito de variadas ações, essa dificuldade persiste ao longo da grande tradição teológica.

e objetiva. “*Espiração passiva*”, a princípio, não caracteriza, por si mesma, uma pessoa. A própria noção de “Espírito” e “Santo” é perfeitamente aplicada ao Pai e ao Filho. E mais, na dinâmica das *processões* trinitárias as dificuldades persistem. Não há uma revelação objetiva da terceira pessoa da Trindade, assim como é explícito na experiência do Pai e na do Filho.

O que isso tem a nos dizer à luz de Congar e de toda a Tradição teológica? É legítimo afirmar uma relatividade do Espírito em relação ao Pai e ao Filho? Como passar do nível das imagens a formulações conceituais (racionalização)? Ao Espírito é possível conferir nome e ação próprios?

As Escrituras nos acalentam, dizendo que sim. E mais, nos lançam à questão pneumatológica crucial: o esvaziamento do Espírito Santo, ou melhor, a sua quênose trinitária. Embora o Espírito seja caracterizado, tanto na Escritura quanto na experiência religiosa, como uma força ou um dinamismo retratados em imagens, a fé crente pede a confissão de sua condição de pessoa<sup>17</sup> (cf. Jo 14, 26). Para Congar, as imagens bíblicas são legítimas em si mesmas, pois se prestam à tarefa dogmática – ricas em conteúdos e significados inteligíveis (a analogia é necessária ao ato de teologizar e indispensável na sistematização da dinâmica trinitária e na própria experiência de Deus).

Embora em nosso trabalho não seja possível, e nem é o objetivo primeiro, descrever a história da Pneumatologia, é necessário apresentar alguns dados essenciais, relativos ao nosso tema proposto, a saber, a relação entre Cristologia e Pneumatologia, e um aprofundamento teológico que nos garanta uma compreensão da fé eclesial em torno da pessoa do Espírito Santo<sup>18</sup>. Mas, antes, cabe uma breve sistematização sobre a teologia trinitária onde aparecem o papel e a especificidade mesma do Espírito Santo.

---

17 Nos escritos congarianos, tal tema é mais bem sistematizado na obra ES I, a qual nos oferece uma reflexão sobre a personalização do Espírito em São Paulo, São Lucas e São João.

18 Cabe ressaltar que antes de uma dogmática explícita em torno da igualdade ôntica entre as pessoas divinas, a Tradição eclesial priorizou algumas experiências e expressões de cunho pneumatológico de grande destaque na vida da comunidade: batismo, inspiração das Escrituras, preexistência de Cristo... Nesse contexto, a fala sobre o Espírito se dá numa perspectiva assinaladamente soteriológica.

### I. 3. 2.

#### A Teologia Trinitária e o Espírito Santo

Numa busca pela identidade pneumatológica dentro da teologia trinitária, devemos ter claro que isso significa primordialmente uma penetração no mistério mesmo da Trindade. Segundo nosso teólogo, o ponto de partida dessa reflexão é a análise da revelação histórica.

Toda a tradição escriturística, bem como a eclesial, apontam para a doutrina da Trindade na perspectiva da economia<sup>19</sup>, chegando assim às experiências teológicas propriamente ditas. Historicamente, se faz necessário diferenciar a Teologia Latina da Teologia Ortodoxa (diferenciação cara a Congar).

Na sistematização da Teologia Latina, a passagem da economia à teologia é ilustrada na doutrina das missões divinas, a saber, o Pai envia o Filho e ambos enviam (juntos) o Espírito Santo e, conseqüentemente, o ser humano experimenta a graça provinda de Deus. Nessa perspectiva, Congar constata e enquadra a teologia Rahneriana da “*Trindade econômica na Trindade imanente (e vice-versa)*”<sup>20</sup>. Porém, nosso teólogo questiona Rahner, indagando: Na trindade econômica revela-se a Trindade imanente; no entanto, revela-se ela por completo? Se Deus se autocomunica na economia, o faz por inteiro? Se assim o é, nos equivocamos na economia: o Filho torna-se mal compreendido, o Espírito não tem rosto e o Pai é impotente. Uma distância necessária se impõe, pensa Congar, entre a Trindade econômica e a Trindade imanente<sup>21</sup>. O mistério ultrapassa o revelado.

---

19 Ver explicação detalhada em *ES III*, p. 80.

20 Karl Rahner (1904-1984) em sua Teologia transcendental propõe o axioma da “*Trindade econômica é a Trindade imanente (e vice-versa)*” num desejo de provar a rigorosa correspondência entre Pai – Filho – Espírito Santo – história da Salvação. Rahner justifica esse princípio em três argumentos: 1- A Trindade é um mistério salvífico; do contrário não teria sido revelada; 2- Encarnação do *Logos* (caso decisivo) e 3- A história da Salvação difere de uma mera auto-revelação de Deus: é autocomunicação, sendo o próprio Deus o conteúdo dessa história.

21 Aprofundar em *ES III*.

*Deus não é acessível segundo nossa lógica. Ele se revela se escondendo. Ele opera sua obra própria sob as espécies ou por meio de seu contrário, a justiça, a graça e a vida por um caminho de juízo e morte.*<sup>22</sup>

Frente a esse axioma fundamental, a Teologia Latina<sup>23</sup> afirma, no que diz respeito à posição do Espírito face à pessoa do Filho, que existe uma “*continuidade ontológica entre a relação econômica do Espírito comunicado e a relação eterna entre o Espírito e o Verbo*”<sup>24</sup>. A Trindade é entendida numa unidade da substância divina, onde as Pessoas se distinguem pela oposição de relação de origem: o Filho procede do pai e, assim, distingue-se do Pai, que não procede de ninguém; o Espírito procede do Pai e do Filho (*ex Patre Filioque*), como de um único princípio consubstancial<sup>25</sup>.

Por sua vez, a Teologia Ortodoxa, questionando essa “continuidade”, rejeita essa concepção Latina ao fazer com que o Espírito proceda não do que é característico de uma hipóstase<sup>26</sup>, mas da natureza comum do Pai e do Filho. Nessa teologia, a ênfase é dada à hipóstase das pessoas e não sobre a consubstancialidade. Apoiados no Concílio de Constantinopla, os Ortodoxos afirmam que, sob o aspecto hipostático, o Espírito procede do Pai, visto que uma hipóstase apenas pode vir de uma outra; sob o aspecto de unidade substancial, o Espírito procede do Pai pelo Filho<sup>27</sup>.

---

22 Cf. *ES III*, p. 43.

23 A reflexão Latina sobre a Trindade é influenciada pelo pensamento de Santo Agostinho. No que diz respeito a procedência Espírito, este afirma que o Espírito procede do Pai e do Filho, mas principalmente do primeiro, já que deste recebe o segundo a capacidade de ser co-princípio do Espírito ou de ter a vida e comunicá-la.

24 Cf. *PE*, p.121-122.

25 Para aprofundamento sistemático dessa questão: Schneider, Theodor. **Manual de Dogmática**. Vol II. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 437-509.

26 Etimologicamente, deriva do termo grego *hypo-stasis*, em latim *sub-stancia*, *essentia*, em português substância, essência. Conceito filosófico-teológico, equivalente a pessoa, central para a compreensão cristã do mistério de Deus Trindade, de Jesus Cristo, Filho de Deus encarnado e da verdade da pessoa humana.

27 Para uma compreensão mais sistematizada dessas diferenças entre Gregos e Latinos, Congar recorre à tese de P. Régon: Gregos partem das pessoas como já dadas a priori para, em seguida, falar de sua consubstancialidade na unidade, respeitando a monarquia do Pai; os Latinos partem da unidade e unicidade de Deus para depois distinguir as pessoas (cf. *ES III*, p. 121-125).

Congar observa que cada tradição teológica traz a sua coerência própria e que é fato a dificuldade de entendimento dogmático entre ambas<sup>28</sup>. Porém, justifica sua ida a tais teologias concluindo que ambas refletem uma única e mesma fé: o Espírito é confessado como a terceira pessoa da única natureza divina, consubstancial ao Pai e ao Filho. Para tanto, conclui ressaltando a apreciação de São João Crisóstomo que nos diz: “*Amemo-nos uns e aos outros de tal modo que possamos professar num só coração nossa fé no Pai, no Filho e no Espírito Santo, Trindade consubstancial e indivisível*”.<sup>29</sup>

Depois dessa breve viagem histórico-dogmática, nosso autor fundamenta seu axioma apontando para o esvaziamento do Espírito estritamente ligado ao do Verbo.

#### I. 4.

### **Toda Cristologia é Pneumatológica e toda Pneumatologia é Cristológica**

O axioma fundamental de Congar, a saber, toda Cristologia é Pneumatologia e toda Pneumatologia é Cristologia, ratifica a verdade de que todo ser de Cristo está penetrado do Espírito e vice-versa. Na unidade de Deus Pai, as Pessoas divinas vivem uma relação de unidade indivisível em mútua doação e acolhimento.

#### **CRISTO**

Sabedoria e segurança diante dos tribunais: Mt 10, 18-20; Mc 13, 10-12  
Lc 21, 12-15

Batismo no Cristo: Gl 3, 27

Um só corpo em Cristo: Ro 12, 5

#### **ESPÍRITO**

Batismo no Espírito: 1 Cor 12, 13

Para formar um só corpo

---

28 Congar adverte, sobretudo, sobre a inadequação do vocabulário latino para traduzir nuances fundamentais do vocabulário grego e a utilização de dois princípios diversos para fundar a distinção das pessoas (cf. *Ibidem*, p. 263-264).

29 Cit. sem referência em *Ibidem*, p. 270.

O Cristo em nós: Ro 8, 10

E nós em Cristo: Ro 8, 1

Justificados em Cristo: Gl 2, 17

Justiça de Deus em Cristo: 2 Cor 5, 21

Alegrai-vos no Senhor: Fp 3, 1

Amor de Deus em Cristo Jesus: Ro 8, 39

Paz em Jesus Cristo: Fp 4, 7

Santificados em Cristo: 1 Cor 1, 2 .30

Falar em Cristo: 2 Cor 2, 17

Repletos de Cristo: Cl 2, 10

O Espírito em nós: Ro 8, 9

E nós no Espírito: Ro 8, 9

Justificados em nome do Senhor Jesus Cristo  
e pelo Espírito de nosso Deus:

1 Cor 6, 11

Justiça, paz e alegria no Espírito Santo:

Ro 14, 17

Alegria no Espírito Santo: Ro 14, 17

Vosso amor no Espírito: Cl 1, 8

Paz no Espírito Santo: Ro 14, 17

No Espírito: Ro 15, 16; 2 Ts 2, 13

Falar no Espírito: 1 Cor 12, 3

Repletos do Espírito: Ef 5, 18

#### I. 4.1. A quênose do Espírito é a quênose do Verbo

Para fundamentar essa articulação tão cara ao seu itinerário teológico, Congar fala da quênose do Espírito, estreitamente relacionada à do Verbo a partir da teologia paulina que, para ele, melhor explicita essa articulação: se o Senhor glorificado e o Espírito são distintos em Deus, todavia encontram-se fundamentalmente tão unidos, que o experimentamos conjuntamente e podemos tomar um pelo outro (cf. 2 Cor 3,17; 1 Cor 15, 45; Jo 14, 3.18) – a vitalidade da Pneumatologia consiste na referência à obra de Cristo e à Palavra de Deus.

Nosso teólogo, bebendo da fonte da Tradição da Igreja, recorre aos Santos Padres para falar da manifestação da obra de Deus operando através de duas *missões*: a do Filho e a do Espírito Santo. S. Irineu, refletindo sobre elas, oferece a sugestiva imagem das “*duas mãos de Deus*”. Procedendo do Pai, as “duas mãos” realizam conjuntamente aquilo que o Primeiro no Amor deseja fazer: vivificar o ser humano, conformando-o à imagem divina. O Pai envia o Filho e o Espírito para executarem a *mesma* obra. Apesar de suas características próprias, uma “unidade funcional”, salienta Congar, dialetiza o cumprimento das missões. Na Sagrada Escritura, o Verbo e o Espírito se encontram sempre associados. Se o Verbo é a forma, o Espírito é o sopro. A título de exemplificação, vejamos o paralelo abaixo:

Nessa perspectiva, outro tema caro a nosso autor é a liberdade do Espírito Santo, que é bem real, reconhece Congar. Toda a tradição histórica e eclesiológica testifica-a, comprobatariamente. Tal liberdade, contudo, não é outra senão a do Senhor Jesus, glorificado e vivo, em conjunção com o Espírito Santo. São as duas mãos de Deus que, feito cabeça e coração, mantêm como de um só princípio a vitalidade do corpo. Não há uma espécie de “setor livre” reservando ao Espírito, como algo paralelo ao ordenamento das estruturas e meios de graças instituídos pelo Cristo encarnado<sup>30</sup>. O Espírito comunica o que deve vir, ou seja, aquilo que

---

30 Cf. *PE*, p. 75. Sobre a “estrutura cristológica” das experiências pneumáticas da comunidade apostólica, cf. PALÁCIO, C. **Jesus Cristo, história e interpretação**. São Paulo, Loyola, 1979. p. 68-71.

recebe do Cristo glorificado, o mesmo que fala na carne. O que há de acontecer é o *futuro de Cristo* no tempo da história!<sup>31</sup>

Como magnificamente expressou Lutero, “*o Espírito não é cético*”<sup>32</sup>. Se o Verbo está penetrado de Espírito, o Espírito está penetrado de Verbo, porque ambos procedem do Pai.

Numa alusão indireta às imprevisíveis iniciativas de liberdade do Espírito, Congar alerta para o risco de uma dissociação simplista entre o cristológico e o não instituído (o carismático). O pneumatológico é cristológico e vice-versa. “*Porque o Senhor é o Espírito, e lá onde está o Espírito do Senhor, lá está a liberdade*” (2Co 3,17). O Cristo está vivo, e muito ativo! Exclama Congar. Na história Ele intervém.<sup>33</sup>

A ação do Senhor com e pelo Espírito não se reduz a uma mera atualização das estruturas da aliança outorgadas na encarnação. Na ordem da vida da Igreja, o Espírito Santo opera como enviado pelo Filho para completar sua obra. Mas não se trata mais aqui do simples exercício eficaz dos poderes instituídos pelo Cristo, da simples realização efetiva de uma estrutura posta pelo Verbo encarnado nos dias de sua carne. Trata-se da realização de uma obra conduzida ativamente pelo Cristo glorioso, chefe celeste do Corpo<sup>34</sup>. Continua Congar: “*Ela é a fonte de novidade na história*”<sup>35</sup>. A transcendência do Cristo para com seu Corpo histórico possibilita-lhe atuar de novas maneiras<sup>36</sup>. No entanto, o Espírito e o Senhor sempre visam à edificação do Corpo. As novas intervenções do Espírito de Cristo devem conformar-se plenamente com o Evangelho e o kerigma apostólico. Como escreve Congar:

---

31 Cf. PE, p. 44.

32 De Servo arbítrio – WA 18,605. p. 31-34 (cit. Por Congar em Idibem, p.89.).

33 Cf. PE, p. 64.

34 Cf. SC, p. 44.

35 Cf. ES II, p. 24. ‘A obra de Cristo na história é irredutível àquilo que foi instituído na história constituinte da Revelação bíblica e da Encarnação (...) Não se pode ignorar um princípio pessoal de iniciativa. Em um catolicismo centrado na organização e na pura obediência, não há espaço para esta realidade incontestável’ (PE, p. 65).

36 Cf. SC, p. 45.

*A santidade da pneumatologia é a sua referência à obra do Cristo e à palavra de Deus.*<sup>37</sup>

Para São Tomás de Aquino, Cristo e o Espírito formam juntos um só princípio de graça. “*Et ideo quidquid fit per Spiritum Sanctum etiam fit per Christum*”<sup>38</sup> (Portanto, cada coisa feita pelo Espírito Santo também foi feita pelo Cristo). Cristo age pelo Espírito, este age por meio daquele. O Espírito é do Verbo, mas Jesus Cristo é do Espírito. Comunicando ao mundo o futuro de Cristo, o Espírito glorifica o Filho, o qual, por sua vez, glorifica o Pai. Se a referência do Espírito ao Verbo é total, não menos contundente, pensa Congar, será a afirmação da monarquia do Pai.

Paradigmaticamente, no Verbo encarnado as duas mãos do Pai se unem para dizer: toda pneumatologia é cristologia e toda cristologia é pneumatologia, porque em teologia suprassumem-se doxologicamente, em unidade com o Pai. Em sua existência eterna, o Cristo aparece penetrado do Espírito e vice-versa. Na unidade do Pai, as Pessoas Divinas vivem, pericoreticamente, a essencialidade do Amor, em mútua doação e acolhimento.

Assim sendo, na existência histórica de Jesus, o Verbo e o Espírito se encontram indelevelmente unidos. Juntos, configuram a união hipostática de Deus com o gênero humano. Da *Graça Incrriada*, emerge a santificação do Cristo, processada em sucessivos pentecostes, como atesta Congar. Mergulhado no Espírito, Jesus abre-se crescentemente ao Pai em obediência filial, como servidor do Amor. Quando morto na cruz, é assumido gloriosamente pelo Pai e constituído Senhor na dinâmica recriadora do Espírito Santo. Herdando a plenitude da Vida, o Filho humanizado de Deus se assenhora do destino salvífico de toda a criação, podendo doravante intervir em todas as realidades e situações históricas pela mediação graciosa do Espírito.

---

37 Cf. ES II, p. 24.

38 “Portanto, cada coisa feita pelo Espírito Santo também foi feita pelo Cristo” – Com. In Ephes. C. 1, lect. 5 (cf. PE, p. 76-77).

## I. 5.

### CONCLUSÃO

Após esse processo reflexivo, nosso teólogo aponta para a necessidade de uma Cristologia histórica que faça jus à convergência histórico-salvífica das missões do Verbo e do Espírito Santo na vida concreta de Cristo.

Dessa cristologia histórica, Congar extrai, por conseguinte, duas conseqüências.

Primeira conseqüência: na Pneumatologia está a santidade da Cristologia. Não há *Graça Criada* sem *Graça Incriada*, não há estruturas instituídas pelo Verbo feito carne que não estejam pervadidas, a um só tempo, pela liberdade transcendental do Espírito, penhor da plenitude escatológica do próprio Cristo. Se o envio do *Pneuma* ao mundo é devido ao Filho, é por encontrar-se este revestido daquele por primeiro... O modo latino de tratar a processão do Espírito *ex Patre Filioque* (a saber: *o Filho procede do Pai e, assim, distingue-se do Pai, que não procede de ninguém. O Espírito, por sua vez, procede do Pai e do Filho*) subentende-se, no mistério, numa linearidade de dependência que parece ofuscar a reciprocidade das relações intradivinas. O risco latente a essa visão de um cristocentrismo paralizante pode incorrer, segundo Congar, em nefastas conseqüências para a vida da Igreja e sua identidade no mundo.

Segunda conseqüência: na Cristologia radica-se, por sua vez, a santidade da Pneumatologia. Uma exaltação sistemática do Espírito pela crítica oriental, traindo não raro um certo ressentimento anti-ocidental, resulta na ótica de Congar, em algo sumamente artificial. É inconcebível, pois uma doutrina isolada ou autônoma do Espírito remete este constantemente à verdade do Senhor. Não há corpo místico do Espírito Santo, e sim, de Cristo, com efeito, ambos são relativos um ao outro, já que testemunham e atualizam a mesma verdade: o Amor do Pai. Na liberdade do Espírito, subjaz a plenitude criativa e poderosa do Glorificado, capaz de trazer para o hoje da história o sabor da novidade salvífica futura.

O Espírito e o Filho, como as duas mãos conjuntas do Pai, realizam na criação e na história o plano salvífico de Deus. Através de suas missões econômicas, o Amor Divino assume e transfigura o precário da experiência humana e criatural. Assim como o Verbo, o Espírito participa da quênose salvífica de Deus na história. Destituído de rosto próprio, faz-se todo relativo ao Filho Primogênito e, por conseguinte, a seus irmãos. Sua única missão é fazer dos homens filhos de Deus, configurando-os em amor e graça a Cristo. No Espírito, a autocomunicação do ser divino se modela em diaconia divinizatória da humanidade inteira.

Enfim, na Pneumatologia reside, portanto, a santidade da antropologia, convertida, então, em Cristologia. Levando a humanidade a percorrer o caminho de Jesus, o Espírito torna-a participante de sua filiação, conformando-a à divina imagem e semelhança. Como fruto excelente e palpável da Pneumatologia cristológica, impõe-se a antropologia da graça, como apelo existencial à Liberdade e à Vida. Deus chama os homens à Vida em liberdade. Concede-lhes o dom humanizador de seu Espírito.

Colocadas as bases de sua Eclesiologia, nosso teólogo nos convoca, a exemplo das relações trinitárias que, assegurando as especificidades e respeitando a diversidade, vivem absolutamente a unidade, a pensar sua Eclesiologia na perspectiva da comunhão, dentro e fora das esferas eclesiais. Sobre esse tema será delineada a segunda parte dessa dissertação.